

José da Silva Lima

# A PEREGRINAÇÃO

PERCURSOS E PALAVRA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## A INTENÇÃO

O caminho da humanidade, embora nas suas tensões e contradições, participa então da peregrinação iniludível para o Reino de Deus, que a Igreja está empenhada em anunciar e realizar com coragem...

Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *A Peregrinação. O Santuário*, Lisboa, Paulinas, 1999, n.º 30, 33.

A pé, galgando a estrada ou atravessando caminhos inóspitos, passando os montes e inventando itinerários mais curtos, ou nos mais variados meios de transporte que a civilização oferece hoje, os santuários permanecem como «lugares altos» de intensa concentração das gentes por ocasião da peregrinação. Em dia de romaria, de peregrinação ou de qualquer acontecimento pontual, em dia de lazer e de descanso, nas férias e nos tempos livres, os recintos sagrados próximos são procurados, quais lugares de atracção inconfessada, fazendo parte integrante da agenda pessoal e comunitária, como se se tratasse de lugares de visita obrigatória inscrita no inconsciente e por ele exigida em ritmo cadenciado.

Peneda, Sameiro ou Remédios, Orada, Vila Viçosa ou Nazaré; La Salette, Atalaia, Santa Eufémia ou São Torcato são lugares de destaque. Fátima figura em primeiro plano pela sua história e pelo seu desenvolvimento, pelo seu sítio e pela saga que ali se foi edificando, por todo o investimento social, cultural e religioso, que ao longo de oitenta anos se foi sedimentando, qual lugar de convergência ou ponto de encontro entre histórias pessoais de matriz comum e a história de uma presença divina protectora, purificadora e próxima<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em Portugal existem muitos outros lugares de peregrinação. Cf. J. Silva Lima, «Santuários, lugares de peregrinação em Portugal», in *Communio* (revista internacional católica), 1997 (4), 345-362.

Mudam-se os tempos e os modos de vida, quebram-se ideologias e caem os muros de algumas certezas velhas, experimentam-se valores mais ligeiros e vive-se à margem de Deus. Os «lugares altos»<sup>2</sup> não deixam, porém, de ser procurados, reinvestidos, encenados por multidões humanas, mediatizados na sua capacidade de mobilização.

Foi assim ao longo da história da humanidade, como se os santuários aparecessem como termóstatos da intensidade existencial da experiência religiosa. Lugares de peregrinação, de romaria ou de visita devocional foram assim os santuários semitas do século XII da era pré-cristã, como são assim os santuários hiperorganizados de Meca, de Lourdes ou de Fátima; funcionam assim os lugares santos de Benares, de Jerusalém, de Guadalupe ou de Santiago de Compostela, como funcionaram também os santuários da Grécia antiga<sup>3</sup>. Milhões de peregrinos em Lourdes, na Aparecida (em São Paulo), em Jerusalém, em Meca ou em Fátima: uma experiência disseminada pelos quatro cantos do mundo, que instiga a reflexão de historiadores, antropólogos, sociólogos e teólogos. Fenómenos de grandiosidade e de amplitude mediática, de impacto sociológico indesmentível, romarias, peregrinações ou grandes concentrações em santuários aparecem como construções mediadoras de fiéis e de grupos num grande todo, que convém descobrir; da leitura de profundidade à distância correcta emergem apontamentos pastorais carregados de ressonância.

O que poderá ter muito interesse é a leitura da ordem simbólica destas manifestações, sobretudo das peregrinações, que não pode emergir senão de forma sucinta e naturalmente fragmentária. Privilegiaremos o traço comum de totalidade que é próprio das peregrinações e das romarias em direcção aos santuários. A dimensão simbólica destes fenómenos de índole reli-

---

<sup>2</sup> Toma-se aqui a expressão de um número monográfico da revista *Autrement* («Hauts lieux»), série «Mutations», Paris, 1990 (115).

<sup>3</sup> Cf. M. Meslin, *L'expérience humaine du divin*, Paris, Cerf, 1988, 174.

giosa não os esgota, como é óbvio, mas apresenta-se como relevante para a sua compreensão. O simbólico é da família do antropológico.

Constata-se hoje que, paralelamente a um certo modo solitário de viver e a grandes apostas relativas à preservação do indivíduo, as peregrinações possuem uma massa humana garantida; não se trata de um fenómeno da exclusiva responsabilidade do *marketing* mediático, nem tão-pouco de uma moda passageira que responderia em contraponto ao exagerado. Trata-se mais de um fenómeno que não é novo, mas que a história vai registando nas suas diferentes fases <sup>4</sup>. Do ponto de vista religioso, constata-se uma tendência de crescimento deste fenómeno (em redor dos santuários), numa época de forte tendência privatizante de rituais, de ideias e de devoções. Se a religião é um assunto do foro privado, particularmente na sua estrutura ritualizada, ela aparece também como a realidade da vastidão, da totalidade, de uma espécie de imersão no colectivo. Naquilo que representam ou na sua face mais visível, as peregrinações provocam e estimulam a dimensão de grandeza comunitária encerrada em cada indivíduo como microcosmos. Trata-se de uma aparatosa totalidade que parece obrigar, ainda que momentaneamente, à superação de cada um, num argumento evidente de que o indivíduo não se esgota no círculo de si mesmo. À escala de cada lugar, uma peregrinação, como concentração, possui este efeito de superação e de espanto, dada a totalidade, por vezes demasiado anónima, do envolvimento. As gentes, na sua existência, dizem-se sob o véu de uma universalidade patente, numa atmosfera de colectividade que surpreende e que se revela benfazeja em balancete com alguma miopia no quotidiano.

---

<sup>4</sup> Não se tratará neste estudo de retomar a perspectiva histórica do fenómeno. Uma das obras que melhor apresenta esta dimensão é a de Jean Chelini e Henry Branthomme, *Les chemins de Dieu: histoire des pèlerinages chrétiens, des origines à nos jours*, Paris, Hachette, 1989, com prefácio do cardeal Marty.

## ÍNDICE

A INTENÇÃO .....	7
A FONTE .....	17
Partir .....	21
Deixar ou sair .....	24
Procurar .....	30
Ir .....	36
O CAMINHO .....	41
O pé .....	45
A pé .....	48
Ao pé .....	51
A VISITA .....	57
À partida .....	61
O Visitante .....	64
Os visitantes .....	69
O SANTUÁRIO .....	73
Marca de história santa .....	75
Mediação .....	79
O centro .....	83
Instância sagrada .....	87
Da visita ao encontro .....	91

O ENCONTRO.....	97
Contexto ou pré-encontro .....	100
Encontro e desencontro .....	107
A PALAVRA .....	117
A rota do simbólico.....	121
A rota da Boa Nova.....	128
A rota do acolhimento .....	133
<i>Bibliografia</i> .....	141